

“Meu filho, meu mundo”: análise fílmica à luz da teoria winnicottiana sobre o autismo.

Luana Souza Ramos de Ataíde, Maria Gabriela Medeiros Ramalho e Fernanda Gomes

Vasconcelos.

Trabalho de Conclusão de Curso.

Faculdade Pernambucana de Saúde.

RESUMO

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o transtorno do espectro autista é caracterizado por déficits na comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. A partir do viés psicanalítico, o autismo é o retrato da não instauração de algumas estruturas psíquicas. O presente trabalho partiu da perspectiva de Winnicott, para a qual se faz necessário uma relação suficientemente boa entre mãe-bebê para a criança se constituir como sujeito. Este estudo tratou-se de uma análise fílmica qualitativa, utilizando-se do método da análise de conteúdo de Bardin (2011), para analisar os impactos da relação mãe-bebê no desenvolvimento psíquico de uma criança autista. A investigação utilizou-se da produção cinematográfica “Meu filho, meu mundo” (1979) e abordou conceitos winnicottianos tais como mãe suficientemente boa, ambiente facilitador e o desenvolvimento psíquico. A partir desta análise, é sugerido que a construção de um ambiente facilitador é capaz de promover uma melhora no quadro autístico, além de favorecer a dinâmica familiar e a capacidade de interação do indivíduo no espectro com o meio.

Palavras-chave: Winnicott; autismo; relação mãe-bebê; “Meu filho, meu mundo”.

ABSTRACT

According to the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-V), autistic spectrum disorder is characterized by deficits in communication and social interaction and restricted and repetitive patterns of behavior. From a psychoanalytic perspective, autism is the portrait of the non-establishment of some psychic structures. The present work was based on the perspective of Winnicott, for which a good-enough relationship between mother-infant is necessary for the child to be constituted as a subject. This study was a qualitative filmic analysis, using the method of content analysis by Bardin (2011), to analyze

the impacts of the mother-infant relationship on the psychic development of an autistic child. The investigation used the film production “Son-rise: a miracle of love” (1979) and approached winnicottian concepts such as a good-enough mother, the good-enough environmental provision and psychic development. Based on this analysis, it is suggested that the construction of a facilitating environment is capable of promoting an improvement in the autistic condition, in addition to favoring family dynamics and the individual's ability to interact in the spectrum with the environment

Keywords: Winnicott; autism; mother-infant relationship; “Son-rise: a miracle of love”.

INTRODUÇÃO

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugene Bleuler e, segundo Greenspan e Wieder (2006), é caracterizado como um transtorno complexo do desenvolvimento que envolve atrasos e comprometimentos nas áreas de interação social e linguagem, incluindo uma ampla gama de sintomas emocionais, cognitivos, motores e sensoriais. Ao longo do tempo, a visão do autismo foi mudando, passando de uma doença relacionada à esquizofrenia, a uma psicose, até um déficit do desenvolvimento cognitivo do sujeito. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), o autismo é classificado como transtorno do espectro autista, onde seus critérios diagnósticos são déficits na comunicação e interação social e padrões restritos e repetitivos de comportamento. Ainda nos dias de hoje, cada viés teórico observa o autismo através de sua perspectiva.

A partir do viés psicanalítico, o autismo é o retrato da não instauração de algumas estruturas psíquicas. Dentro da própria psicanálise, entretanto, é possível encontrar diferentes posicionamentos acerca do que ocorre no autismo. A escola inglesa possui como um dos principais representantes Donald Winnicott, pediatra e psicanalista, que se debruçou sobre o estudo do desenvolvimento infantil e a relação mãe-bebê. Para a perspectiva winnicottiana, o bebê depende diretamente do ambiente para se constituir como sujeito de forma satisfatória, sendo este ambiente a mãe. As bases de saúde mental são lançadas na primeira infância, a partir das técnicas utilizadas com naturalidade por uma mãe preocupada em cuidar do seu filho (Winnicott, 1952/2000, p. 305). Por ele é proposto que tanto o autismo quanto a esquizofrenia infantil podem estar relacionados a um fracasso adaptativo em relação aos cuidados iniciais ao bebê.

Ao propor o que seria um desenvolvimento saudável, Winnicott cria o conceito da “mãe suficientemente boa”, que é a mãe que ingressa em estado de preocupação materna primária em relação ao seu bebê. O termo preocupação, para Winnicott (1963/1983), revela a importância dada ao filho e a aceitação da responsabilidade gerada pela concepção deste. Essa preocupação materna primária é um estado psicológico da mãe de extrema sensibilidade. Ela ingressa nesse estado com o objetivo de uma adaptação sensível e delicada às necessidades do bebê, uma vez que ele é totalmente dependente dos cuidados maternos e do ambiente nesse momento (Winnicott, 1956/2000). Essa mãe representa um ambiente seguro, onde será permitido o desenvolvimento do bebê. As características da ‘mãe suficientemente boa’ se modificam conforme os estágios de desenvolvimento do bebê, sendo eles o estágio de dependência absoluta - processo primário de pensamento e dos relacionamentos de natureza subjetiva, onde o bebê ainda não se diferencia da mãe e ela introduz o mundo externo a ele, capacitando-o para alcançar o próximo estágio de desenvolvimento - e o estágio de dependência relativa - onde o bebê já pode ingressar na área de conciliação entre as realidades internas e externas, preenchendo o espaço vazio entre o seu corpo e o da mãe quando encontra-se na ausência dela.

É importante mencionar que, em uma situação de desamparo da mãe, o bebê sofre o que Winnicott chama de agonia impensável, que faz com ele se organize de forma defensiva, já que não possui a capacidade de suportar as falhas do ambiente no estágio de dependência absoluta, sendo elas sentidas como invasões. Essa agonia impensável é muito primitiva e deixa marcas ao longo da vida do indivíduo. A ansiedade dessa agonia impensável é um tipo de ansiedade muito presente nos estados autísticos e psicóticos (Januário, 2012). Segundo Winnicott (1953), o bebê encontra-se em um estado de isolamento imperturbado, podendo movimentar-se espontaneamente em relação ao ambiente e descobri-lo. Porém, se o ambiente age inadequadamente e o invade, o bebê retorna ao isolamento, dessa vez de forma defensiva, reagindo ao ambiente invasor. No caso do autismo, essa defesa vinda da agonia é a invulnerabilidade, que o protege de revê-la.

A partir das considerações feitas acima sobre o desenvolvimento infantil e o autismo dentro da perspectiva winnicottiana, o presente trabalho se propõe a uma investigação psicanalítica de um caso de autismo, utilizando-se da produção cinematográfica “Meu filho, meu mundo” (1979) enquanto material de análise. O cinema faz com que o indivíduo viva aspectos do seu cotidiano que podem, ou não, serem de seu conhecimento, permitindo a reflexão sobre assuntos pertinentes da realidade que não fazem parte do seu âmbito pessoal. Para Duarte e Carlesso (2019), certos filmes teriam a força de provocar experiências

psíquicas profundas no espectador - experiências para as quais somos convidados a participar, evocando não apenas a disponibilidade de modos alternativos de ser, mas a possibilidade de escapar dos limites de qualquer modelo pré-determinado de compreensão da realidade.

O longa analisado trata-se da história real de um casal onde o filho mais novo é diagnosticado com autismo. Ao decorrer do filme, observamos as dificuldades encontradas pelos pais em encontrar métodos para a melhora do filho, em uma época em que pouco se sabia sobre o autismo. Não satisfeitos com os métodos convencionais utilizados pelas clínicas da época, Suzie e Barry decidem que irão tentar seu próprio método caseiro para entrar em contato com Raun, provocando sua melhora no quadro, esse método ficou conhecido como o Método *Son-Rise*. Neste método, que surgiu na década de 70, cada criança é vista como um todo e não se foca em suas dificuldades. Prega-se por uma postura de aceitação da criança com autismo, que se associa a uma atitude positiva em relação ao potencial desenvolvimento da criança (Riveiro et. al, 2013). Além disso, ele prega que o tratamento dessa condição psíquica é o amor, onde os pais tentam entrar no mundo dos filhos para fazer com que estes se voltem para eles, assim, melhorando os sintomas do autismo e, até mesmo, extinguindo seus sintomas.

A investigação do conteúdo do filme citado teve como objetivo analisar os impactos da relação mãe-bebê no desenvolvimento psíquico de um bebê autista, identificando os principais aspectos dessa relação que influenciam no desenvolvimento psíquico do bebê e as características do autismo, a partir da perspectiva winnicottiana.

METODOLOGIA

Este estudo tratou-se de uma análise fílmica qualitativa. A pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais (Minayo, 2001). O estudo contou com uma análise do filme “Meu filho, meu mundo”, a partir do método de análise de conteúdo de Bardin, à luz da teoria psicanalítica winnicottiana. O método da análise de conteúdo de Bardin (2011) tem como intenção a dedução lógica e justificada de conhecimentos relativos ao objeto de estudo. Esta análise foi dividida em três etapas: descrição, inferência e interpretação.

Na primeira etapa da análise, a descrição, as pesquisadoras buscaram se apropriar do objeto de estudo, o filme “Meu filho, meu mundo”, assistindo-o repetidamente até que se esgotassem os conteúdos relevantes para a pesquisa. Em seguida selecionaram cenas do filme que estivessem em consonância com os objetivos da pesquisa e que foram separadas em

categorias de análise a partir de tais objetivos. As cenas escolhidas foram divididas entre as categorias e descritas em detalhes. A partir do tratamento dos dados, partiram para a segunda etapa da análise, que foi a inferência, onde se admitiu uma proposição baseada em proposições já existentes na literatura Winnicottiana. Por fim, foi feita a interpretação, que consistiu em dar significações às cenas extraídas do filme fazendo um contraponto delas com a teoria que embasou a pesquisa.

As autoras elencaram cenas em que se destacam as características principais do autismo, além dos aspectos da relação mãe-bebê que ilustram a teoria de Winnicott e sua relação com o desenvolvimento psíquico, sendo elas as categorias da análise da pesquisa. Para a construção do referencial teórico na análise das cenas, foram pesquisados textos sobre a temática do autismo na teoria winnicottiana na plataforma *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO), além do uso das referências clássicas publicadas pelo próprio autor.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sinopse do filme “Meu filho, meu mundo”

O longa-metragem em análise trata-se de um filme estadunidense feito em 1979, baseado em uma história real. Ele conta a história de um casal, Barry e Suzy Kaufman, e de seu filho Raun, diagnosticado como autista, em uma época que muito pouco se sabia e falava sobre autismo. Ao longo do filme, pode-se observar muitos dos sintomas desse transtorno, além do esforço por parte dos pais de conseguir ver a melhora no quadro do pequeno.

O filme se inicia com o nascimento de Raun e nos mostra a vida do casal e de suas outras 2 filhas, Brenda e Thea. Barry e Suzy desde o início se mostram preocupados com Raun, pois, desde seu nascimento, ele possui muitos problemas de saúde. Além dos problemas de saúde, Raun apresentava comportamentos estranhos, como a não interação com os pares, a falta de contato visual e a falta de resposta auditiva e visual. Os pais inicialmente suspeitam da falta de audição do garoto, mas logo em seguida descobrem que essa falta de atenção se dá devido ao transtorno do espectro autista.

Com a descoberta do quadro de Raun e ao buscarem clínicas para o tratamento do filho, Barry e Suzy viram coisas que não os agradaram, como crianças sendo presas em correntes, levando choques e sendo punidas e isoladas em locais muito apertados. Rejeitando os métodos convencionais de tratamento da época, Suzy e Barry decidem fazer seu próprio método de tratamento para alcançar a melhora do filho. O método em questão é hoje conhecido como o método *Son-Rise*.

O quadro autístico

Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais (DSM-V), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits clinicamente significativos na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades (APA, 2013). Ao ser analisado o comportamento de Raun, pode-se perceber que muitos de seus déficits se encaixam nos critérios diagnósticos do TEA. Os critérios do transtorno são divididos em 5 (A, B, C, D e E), sendo os 2 primeiros voltados à identificação dos sintomas.

Observando o critério A -déficits persistentes na comunicação e interação social em múltiplos contextos- destaca-se o momento (minuto 16:00 ao 16:33 do filme) em que Barry e Raun estão sozinhos no quintal de casa. Raun, sentado na espreguiçadeira, olha fixamente para seus dedos, os mexendo, enquanto balança seu corpo para trás e para frente. Barry o observa e tenta chamar sua atenção, passando a mão pela frente dos seus olhos. A tentativa de obter um contato visual com Raun foi fracassada, então, enquanto ainda o observa, o pai preocupado reflete sozinho

- Você escuta, mas apenas às vezes... você consegue ver, mas apenas algumas coisas, nada mais...

Ainda observando de forma preocupada o olhar perdido e fixo de Raun e seu corpo balançando de forma muito repetitiva pergunta

- Raunchy, onde você está? Para onde você foi?

Raun possui uma grande dificuldade na interação social, apresentando déficits na sua comunicação verbal e não verbal, principalmente na ausência de contato visual, mesmo com o estímulo do pai. O ponto 2 no critério A nos traz o seguinte:

Déficits nos comportamentos comunicativos verbais e não verbais usados para a interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso de gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal. (APA, 2013, p. 50)

Raun apresenta a falta de comunicação verbal, além de não responder aos estímulos do pai com o contato visual e com a linguagem corporal, encaixando-se, assim, nesse critério.

Outro critério que trata de sintomas e que pode ser encontrado em Raun é o critério B -padrões restritos e repetitivos de comportamento. No começo do filme (13:21-13:30), Suzy e Barry recebem a notícia pelo médico de Raun que o garoto está surdo. Minutos antes do recebimento da notícia, Raun se encontrava em uma sala com o médico, onde estava sendo exposto a ondas sonoras, porém não reagiu a elas, mantendo sua atenção voltada à uma caneta

em movimento. Observando isso, o médico o declarou como surdo. Ao receberem a notícia, Barry e Suzy vão para a sala de testes, juntamente com o médico que lhes atendeu, encontrar Raun. Raun sentado em uma pequena mesa ainda está observando fixamente a caneta. Preocupado, Barry senta-se ao lado de Raun e retira a caneta do garoto. Neste momento, Raun muda sua atenção e começa a emitir repetidamente o som ao qual ele estava sendo exposto no momento do teste, provando para o médico, que no momento ficou muito surpreso com o que viu, que ele conseguia ouvir, porém sua atenção estava tão voltada para a caneta que não emitiu nenhuma expressão ao ser exposto às ondas sonoras anteriormente.

Aqui destaca-se a presença de comportamentos estereotipados, que envolvem movimentos motores e falas repetitivas, além de uma hiporreatividade dos estímulos sonoros ao qual ele está sendo submetido e fascinação visual por movimentos, no caso a caneta. Raun apresenta 2 de 4 sintomas presentes no critério B, sendo eles:

Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (exemplo: estereotipias motoras (...), ecolalia (...). Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (exemplo: indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons (...)) fascinação visual por luzes ou movimento). (APA, 2013, p. 50)

Ao longo do filme, são observadas muitas cenas em que Raun apresenta esses comportamentos destacados anteriormente, o que prova o seu diagnóstico de acordo com o DSM-V. A psiquiatria, atualmente, vai trazer que o autismo é um transtorno do desenvolvimento que possui como sua base a genética. O viés psicanalítico, por sua vez, traz o autismo como o retrato da não instauração de algumas estruturas psíquicas. Dentro da própria psicanálise, entretanto, é possível encontrar diferentes posicionamentos acerca do que ocorre no autismo. A escola inglesa possui como um dos principais representantes Donald Winnicott, pediatra e psicanalista, que se debruçou sobre o estudo do desenvolvimento infantil e a relação mãe-bebê. Winnicott nos traz que as bases da saúde mental são lançadas na primeira infância, a partir das técnicas utilizadas com naturalidade por uma mãe preocupada em cuidar do seu filho (1952/2000). Por ele é proposto que tanto o autismo quanto a esquizofrenia infantil podem estar relacionados a um fracasso adaptativo em relação aos cuidados iniciais ao bebê.

A relação mãe-bebê e o desenvolvimento psíquico da criança autista

A mãe tem um importante papel quando falamos sobre o desenvolvimento psíquico do sujeito. A mãe suficientemente boa, para Winnicott, é a mãe que ingressa em estado de preocupação materna primária em relação ao seu bebê. O termo preocupação, para Winnicott

(1963/1983), revela a importância dada ao filho e a aceitação da responsabilidade gerada pela concepção deste. Uma das funções importantes dessa maternagem trazida por Winnicott é a criação de um ambiente favorável, local este que ela poderá realizar as funções primordiais para com seu bebê, como o *holding*. No filme em análise, destaca-se uma cena (44:56 à 45:04) onde é possível perceber a tentativa de criar um ambiente favorável para a conexão da mãe (Suzy) com o seu bebê (Raun). Na cena em destaque, Suzy e Barry têm a ideia de montar um local para Raun que não haja muitas distrações, para que, assim, eles consigam entrar em contato com o filho. O local escolhido por eles foi um banheiro da casa. Após a decisão, eles prontamente começaram a tirar todos os objetos que pudessem chamar atenção e desconcentrar Raun lá dentro. Eles retiram todos os objetos animadamente, deixando o banheiro vazio e todo branco, pronto para receber o filho.

Após esse momento, entra-se outra cena (45:16 à 45:29), na qual Suzy leva Raun para o banheiro, agora vazio, e diz:

- Oi, Raun! Bem-vindo ao seu novo mundo.

Raun olha fixamente para o teto enquanto Suzy o segura no colo andando pelo local e falando carinhosamente com o garoto. Analisa-se aqui como o ambiente interfere na criação do vínculo entre a mãe e o bebê. Suzy finalmente consegue realizar um *holding* com Raun e, segundo Winnicott (1999), com a repetição desses cuidados, a mãe ajuda o bebê a assentar os fundamentos de sua capacidade de sentir-se real. O *holding*, que também pode ser chamado de sustentação, é uma experiência física e simbólica que vai mostrar ao bebê a firmeza com o qual ele é amado, cuidado e desejado pela sua mãe, e vai ser caracterizado pela maneira como ele é sustentado por essa mãe. Um *holding* deficiente provoca sensação de despedaçamento, de estar caindo num poço sem fundo e de desconfiança na realidade externa (Valler, 1990; Winnicott, 2001). Além desse *holding*, existe o *handling*, como outra função da maternagem. Ele vai ser a maneira como o bebê é manipulado, cuidado pela mãe, promovendo que o bebê sinta e tenha contato físico com a mãe. Através dessas sensações corpóreas ele vai ter entendimento sobre seu próprio corpo.

A mãe para seu bebê é a representação de um ambiente facilitador, necessitando ser favorável para que aconteça os processos de maturação adequados para o desenvolvimento psíquico da criança. Quando fala-se de ambiente, é importante pontuar que a mãe precisa de um amparo, de uma segurança, de seu próprio ambiente, para conseguir tornar-se o ambiente do seu bebê. Em dado momento do longa (29:54 à 31:56), podemos observar a ausência de amparo desse ambiente para com Suzy. Em uma conversa com Barry, Suzy diz:

- Você não pode continuar me pressionando, Barry. Listas, pesquisas, telefonemas... eu estou fazendo o melhor que eu posso.
- Eu sei disso! - diz Barry
- Você está me dirigindo como dirige sua empresa, Barry!
- Você está certa... você não é minha empresa, é minha esposa. Me desculpe por ter pressionado você.
- Eu sei... às vezes eu só queria esquecer que sou uma adulta - diz Suzy caminhando lado a lado com Barry, tristemente.

Em casos de desamparo materno, o ambiente (mãe) falha em fornecer os cuidados necessários para o amadurecimento do bebê em questão. Esse desamparo pode causar a ausência da preocupação materna primária, além de interferir na continuidade de ser pessoal da mãe, que pode gerar o ódio inconsciente materno. Quando esse ódio inconsciente materno acontece, a mãe não se tornará satisfatória para seu bebê. O autor traz que:

[...] Sob condições favoráveis, (com) [...] o cuidado que ele recebe de sua mãe, cada lactente é capaz de ter uma existência pessoal e assim começa a construir o que pode ser chamado de continuidade do ser. [...] Se o cuidado materno não é suficientemente bom, então o lactente realmente não vem a existir, uma vez que não há continuidade do ser. (Winnicott, 1965, p. 47 e 53).

Em outras palavras, em casos onde o bebê não consegue ser visto pela mãe, ele também não vai conseguir se ver, conseqüentemente não alcançará sua existência como sujeito.

Winnicott (1948/1952) traz em sua teoria que, para um desenvolvimento saudável, a mãe deverá ser capaz de atender às necessidades específicas de cada período do desenvolvimento do seu bebê. Tratando-se disso, o estado emocional da mãe é fundamental para a saúde de seu filho, ou até mesmo a ausência dela. Em situação de desamparo da mãe, o bebê sofre o que Winnicott (1953) chama de agonia impensável, que faz com que ele se organize de forma defensiva. Por estar ainda na fase de dependência absoluta, a criança não apresenta a capacidade de suportar as falhas ambientais. Essa agonia trazida pelo autor deixa marcas ao longo da vida do indivíduo, que podemos ver no caso do autismo. Além disso, segundo Winnicott (1953), ela vai acarretar em um estado de isolamento imperturbado no bebê e quando o ambiente age inadequadamente e o invade ele vai retornar a esse estado, dessa vez se defendendo do ambiente invasor. No caso do autismo, essa defesa é a invulnerabilidade, que o protege de revivê-la.

Quando o ambiente se torna favorável e sustenta a mãe, o desenvolvimento de seu bebê é mais seguro e saudável. Em certo momento do filme, a dinâmica familiar passa por mudanças. Suzy começa a ter mais tempo para se dedicar à Raun e Barry se dedica às

atividades domésticas e do cuidado com suas outras filhas. Com isso, o ambiente passa a se tornar um ambiente sustentador para a mãe e, conseqüentemente, torna-se um ambiente favorável para o desenvolvimento e amadurecimento de Raun. A partir da maior interação entre a mãe e seu bebê, realizando suas funções básicas da maternagem (*holding e handling*), o desenvolvimento é impulsionado, podendo retirar a criança deste estado de invulnerabilidade. Percebe-se na cena (01:02:51 à 01:04:15) em que Suzy está com Raun no banheiro fazendo a brincadeira de girar o prato e balançar os braços enquanto o observam, que Barry traz que:

- “Estamos na 14ª semana, Raun e Suzy continuam girando, ela está ficando boa nos jogos dele. Ainda nenhuma comunicação verbal de Raun... mas há algo muito diferente nele”;

A cena continua, eles ainda brincando de girar o prato. Raun gira o seu prato e quando este para, Raun se volta para observar a mãe continuar a brincadeira - girando o seu próprio prato. Nesse momento, pela primeira vez, Raun faz contato visual com sua mãe e sorri para ela. Ao ser vista, Suzy abraça o garoto feliz e diz amá-lo muito.

A partir dessa cena, Suzy começa a ter progressos no contato com seu filho, fazendo com que ele comece a sair do estado de defesa aos poucos, podendo, assim, identificar-se com a mãe. O local escolhido pelos pais, transformou-se em um ambiente facilitador para a dependência absoluta, que é quando essa identificação do bebê com sua mãe ocorre. A dependência absoluta, segundo a teoria de Winnicott é o momento em que o bebê encontra-se totalmente dependente dos cuidados maternos, além disso ele está em um estado de fusão com a mãe, sendo ele a mãe e a mãe o seu bebê.

A etapa de transição da dependência absoluta para a dependência relativa é marcada pelo momento em que o bebê começa a suportar a ausência da mãe e a se diferenciar progressivamente dela, reconhecendo-se como sujeito próprio. No longa, essa transição é destacada quando Raun realiza atividades com suas irmãs e sua babá com a ausência de sua mãe, além de também realizar atividades juntamente com Suzy em locais diferentes do ambiente da dependência absoluta (o banheiro). A cena (01:18:35 à 01:19:28) em destaque traz Suzy mostrando a Raun algumas peças de um jogo na sala de sua casa. O jogo consiste em um tabuleiro e algumas peças com formas e imagens de animais. Ao mostrar uma peça ela pergunta qual é o animal e faz o som dele, e logo Raun diz que é um pato, após ele dizer o animal, ela pergunta onde ele deve ser encaixado no tabuleiro do jogo. Logo após ela mostra outro animal, que dessa vez é um cavalo e Raun repete dizendo ser um pato, mas ela faz o som do animal correto e ele diz ser um cavalo, ela pergunta onde deve colocá-lo e ele acerta.

Em seguida, ela mostra a figura de um cachorro e faz o som, e Raun acerta o animal que ela estava mostrando. Quando Raun acerta o animal que Suzy mostra, ela reforça o comportamento com uma expressão de felicidade para com ele.

Outro momento (01:15:41 à 01:16:36) do longa-metragem que é observado a transição para a dependência relativa, é quando Barry, Suzy e Raun estão no quarto e, enquanto os pais conversam, a criança caminha em direção ao espelho. Ao perceber esse interesse de Raun, Suzy diz:

- “Esse é você, Raunchie”.

Raun começa a olhar para sua barriga através do reflexo e Suzy chama atenção de Barry ao ver que Raun está conhecendo a si mesmo enquanto sorri para seu reflexo no espelho. Observa-se aqui e também mais adiante, momentos em que Raun se desenvolve enquanto sujeito, adquirindo a capacidade de identificar-se como sujeito próprio, saindo da dependência absoluta, onde está em estado de fusão com a mãe, para a relativa. O momento em que o bebê começa a ver-se dissociado da mãe, é o momento em que ele entra na dependência relativa, sendo esta evolução a consequência de um ambiente facilitador favorável, causando um desenvolvimento psíquico saudável.

Outro momento (01:18:16 à 01:18:34) em que pode ser observada a transição de dependência e o desenvolvimento acelerado de Raun é quando Suzy entra no quarto dele e ele começa a chorar, ela leva um susto e vai pegar o garoto no colo. Todos da casa, ao ouvir o choro de Raun, vão correndo ver o que está acontecendo. De volta no quarto, Raun está no colo de Suzy, sentados na poltrona. Raun toca no nariz da mãe e diz:

- O nariz da mamãe!
- Isso, Raunchie. Esse é o meu nariz!

E os dois sorriem para a família. Barry emocionado anda em direção ao filho e diz:

- Você voltou!
- Voltou - diz Raun.

Barry felizmente o pega no colo.

- Sim, estou tão feliz que você voltou!

E abraça o garoto amorosamente.

- Descer! - diz Raun para o pai.

Barry olha para Suzy que diz sorrindo:

- Ele disse que quer descer.
- Bom, se você quer descer... descendo!! - e coloca Raun no chão.

Raun anda felizmente em direção das irmãs, que ficam felizes e o abraçam. A identificação do corpo da mãe mostra a separação entre os dois, onde o bebê agora passa a ser relativamente dependente da mãe, identificando-se como sujeito além dela. Outro ponto importante de ser destacado na cena é a aquisição da fala. Em casos severos de autismo, essa aquisição pode não ocorrer, o que mostra que o desenvolvimento de Raun está tornando-se saudável, fazendo com que ele esteja saindo de seu estado de invulnerabilidade e caminhando para alcançar a maturidade esperada para sua fase de vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise do filme “Meu filho, meu mundo” foi possível observar os impactos que a relação mãe-bebê tem no desenvolvimento psíquico de uma criança autista. Foi constatado, a partir desta análise, que a construção de um ambiente facilitador é capaz de promover uma melhora no quadro autístico, além de favorecer a dinâmica familiar e a capacidade de interação do indivíduo no espectro com o meio.

É importante mencionar que o recurso fílmico utilizado é um recurso limitado, onde as pesquisadoras só podem fazer a análise a partir daquilo que ele nos traz. Ao falarmos do espectro autista, lidamos com um mundo de informações, onde cada indivíduo se enquadra em sua própria subjetividade. Diante disso, faz-se interessante pesquisas futuras em diferentes campos e ambientes, para, assim, analisar de forma mais detalhada quais os impactos da relação mãe-bebê no desenvolvimento dessas crianças comprometidas..

REFERÊNCIAS

- Associação Psiquiátrica Americana (2013). *Manual diagnóstico e estatístico dos transtornos mentais* (5º edição). Arlington, VA: *American psychiatric publishing*.
- Bardin, L. (2011) *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70.
- Dias, E. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Januário, L, Tafuri, M. (2010). *A relação transferencial com crianças autistas: uma contribuição a partir do referencial de Winnicott*. *Psicol. clin*, Rio de Janeiro , v. 22, n. 1, p. 57-70.

- Rivero, J., Souza, L., Albuquerque, M., Campos, T. (2013) *Implementação do método son-rise no centro neurológico da APAE de Araguaína-TO*. Revista Científica do ITPAC, Araguaína, v.6, n.3, Pub.4.
- Winnicott, D (1938/1963/1966). Três revisões de livros sobre autismo. In: Shepherd, R; Johns, J; Robinson, H. (1997). *Pensando sobre crianças*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 175-178.
- _____. (1952). Psicoses e cuidados maternos. In: _____. (2000) *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, p. 305-315
- _____, D. Tolerância ao sintoma em pediatria: relato de um caso (1953). In: _____. *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1956). Preocupação materna primária. In _____. (2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago, p. 399-405.
- _____. (1963). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In: _____. (1983). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, p. 78-87.